

AMEAÇAS RECÍPROCAS

por Mário Soares

Mesmo no fim de uma era a viver uma crise múltipla, de uma dimensão e complexidade desconhecida antes, os meios belicistas dos Estados Unidos, estimulados, naturalmente, pela administração Bush, não param de fazer ameaças ao Irão, permitindo que Israel cometa actos de perfeita provocação, no espaço aéreo iraniano. Uma atitude ameaçadora que representa, em si mesma, um perigo imenso.

Pelo seu lado, o Irão procede da mesma forma. O representante do líder supremo, Ali Khamenei, de seu nome Mojtaba Zolnoor, ameaça destruir as 32 bases americanas no Golfo Pérsico – para quê tantas bases e tão vulneráveis? – e arrasar o “coração de Israel”. Nada menos do que isso...

Trata-se de uma escalada verbal sem paralelo, altamente comprometedora, que pode desencadear – sem que os próprios tenham verdadeira consciência disso – um conflito de dimensões inimagináveis.

De ambas as partes, entretêm-se num exercício de enorme insensatez e irresponsabilidade. Estão a caminhar para o abismo. E o pior é que, cada novo passo, torna mais difícil o indispensável recuo.

É preciso dizer-lhes, a uns e outros – gritar-lhes – que basta de ameaças. É urgente parar, reflectir, conversar seriamente. É a falar que as pessoas – e os Estados – se podem entender. Não a ameaçar-se, reciprocamente. Nem com mísseis balísticos de médio e longo alcance, lançados pelo Irão, nem com voos de reconhecimento, sobre o território do Irão, feitos por Israel!

Quando as ameaças vão longe de mais, como é o caso, e de uma lado está uma teocracia obscurantista e fanatizada e, do outro, a agressividade irracional de Israel, apoiada por um Bush, em fim de mandato, o mais impopular de todos os presidentes, convencido que numa última jogada de pocker, pode recuperar todo o terreno perdido, tem de vir de fora a iniciativa que pare a escalada para nos deixar, este triste fim de mandato, descansados.

Mas de onde pode vir tal iniciativa? Da Europa? Seria o mais indicado. Mas no estado de paralisia em que se encontra, com líderes da qualidade de Gordon Brown, Sarkozy ou Berlusconi? Da Rússia, com Putin, disfarçado de Medvedev? Do Secretário-Geral das Nações Unidas?

Seja de que lado for. Até da Sociedade Civil. É indispensável que alguém actue, com urgência. As eleições americanas estão à porta e há boas perspectivas de que uma viragem seja possível. Daí que alguns, para a evitar, possam pensar que o mais seguro é apostar no “quanto pior, melhor”...

Entretanto, Nicolas Sarkozy, reuniu em Paris 44 representantes dos países mediterrâneos, com a única exceção da Líbia, de Kadafi, para criar a União Mediterrânea, sucedâneo francês do chamado processo de Barcelona. A reunião foi um grande espectáculo, seguramente. Israel, Líbano e Síria em boa convivência. Resultará daí alguma coisa de concreto? É duvidoso. Ter-se-ão lembrado, ao menos, de fazer um apelo solene ao Irão e a Israel para que parem com as ameaças recíprocas?

Lisboa, 17 de Julho de 2008